

# Contra o esquecimento. Cinema e política atravessados pelas memórias da infância nos filmes: *El premio* e *O ano em que meus pais saíram de férias*

Maria Ignês Carlos Magno

*Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Professora do mestrado em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi e da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.*

*E-mail: unsigster@gmail.com*

**Resumo:** A autora propõe um estudo dos filmes: *El premio* (2011), de Paula Markovitch, e *O ano em que meus pais saíram de férias* (2006), de Cao Hamburger, que trouxeram para o cinema as lembranças dos anos de chumbo da Argentina (1976/1983) e do Brasil (1970-1976). A proposta é a de pensar, a partir desses filmes, memórias e história, e um tipo de cinema que vem recuperando, ainda que timidamente, a temática política no cinema da atualidade.

**Palavras-chave:** cinema político; história e memória; ditaduras militares; anos de 1970.

**Abstract:** The author proposes an investigation of the movies: *El premio* (2011), by Paula Markovitch, and *O ano em que meus pais saíram de férias* (2006), by Cao Hamburger, which discuss in the cinema the memories of the dictatorial period in Argentina (1976/1983) and in Brazil (1970-1976). The proposal is to think from these movies, memories, history and a kind of cinema that is recovering, even timidly, the political themes in current cinema.

**Keywords:** political cinema; history and memory; dictatorship; 1970's.

“As palavras, contra toda crença do senso comum, são mais pertinazes que os corpos. Estes podem desaparecer, ser jogados no mar (‘um naufrago acaba de nascer’, escreve também Lukin), mas os textos que lembram essa desapareição, os poemas nos quais há dedos que ‘parecem... agitando-se sobre a água’, voltam, aberta a caixa de Pandora, para dizer exatamente o que dizem” (SARLO, 2005, p. 33).

Uma paisagem cinza, o vento forte jogando areia também cinza sobre um corpo encolhido dentro de uma jaqueta e um choro sufocado, longo, daqueles de doer até a alma. A câmera lentamente se afasta, escurece a tela e os letreiros: *em memória de...* O filme tinha acabado, mas o choro, o som do vento e aquela paisagem cinza permaneciam. Que filme era aquele de que só tinha visto o final? O nome do filme é *El premio* (2011), de Paula Markovitch, e narra a história de Cecília, uma menina de sete anos e sua mãe que se refugiam em uma praia isolada da Argentina durante o trágico período da ditadura militar conhecido como *Proceso* (1973-1983). Dias antes tinha revisto *O ano em que meus pais saíram de férias* (2006), de Cao Hamburger. O filme também conta a história de Mauro, um menino de dez anos, que é deixado pelos pais na casa do avô durante os *anos de chumbo* no Brasil. Dois filmes de dois jovens diretores sobre memórias da infância vividas durante as ditaduras militares da Argentina e do Brasil. Cinema e política atravessados pelas memórias, pela subjetividade da memória daqueles que, embora não tenham sentido a dor física e moral das torturas impostas pelos regimes militares, viveram a dor da ausência. Obrigados a silenciar sobre a verdade das ausências dos pais, mesmo quando não entendiam as razões, uma lembrança ficou: a de não se esquecer. Pela boca da mãe Mauro ouviu que, se perguntado sobre os pais, ele não podia se esquecer de dizer que *eles tinham saído de férias*. Pela boca da mãe, Cecília ouviu que, se perguntada sobre os pais, não podia se esquecer de dizer que *sua mãe era dona de casa e seu pai vendedor de cortinas em Buenos Aires*. Instruídos para mentir sobre a verdade dos pais, ficou na memória o pedido de que não podiam esquecer a verdade da história. Cada um ao seu modo, Paula Markovitch e Cao Hamburger trouxeram para o cinema as lembranças daqueles anos, que tanto os governos como os que a eles estiveram ligados tentaram apagar. “Como ninguém pode fazer com que o que não é mais não tenha sido” (Ricoeur, 2007, p. 450), é interessante olharmos para esses filmes como possibilidade de pensar sobre memórias e história e sobre um tipo de cinema que vem recuperando, ainda que timidamente, a temática política.

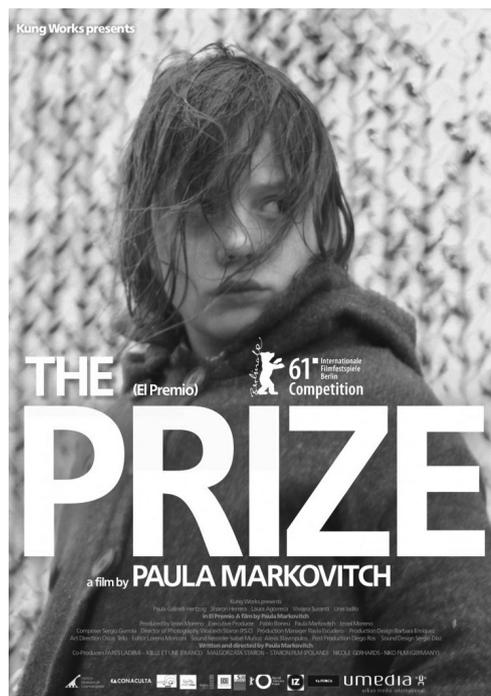
## MEMÓRIAS AFETIVAS. MEMÓRIAS POLÍTICAS. HISTÓRIAS E NARRATIVAS QUE SE ENCONTRAM NOS ANOS DE 1970

É sabido o quanto as décadas de 1960 e 1970 foram convulsivas em grande parte do mundo. É sabido também que se os anos de 1960 são lembrados pelas revoluções artísticas e políticas, pelas rebeliões populares e estudantis, pelos movimentos feministas e de libertação colonial, os anos de 1970 são lembrados, especialmente na América do Sul, como os anos trágicos da ascensão dos regimes militares. Com características históricas e períodos próprios, quase todos por meio de golpes, os países da América do Sul instauraram um mesmo tipo de governo: a ditadura militar. No Brasil (31/03/1964) e na Argentina (24/03/1966). Embora o tempo de cada um tivesse duração e divisões históricas específicas, os anos de 1970 são considerados como os anos de chumbo da ditadura. Foi

o período da repressão, dos assassinatos, dos desaparecimentos de militantes ou simpatizantes das causas revolucionárias. Foi essencialmente o período em que a violência se generalizou e o terrorismo de Estado não poupou ninguém: adultos, jovens, crianças. Fosse pela violência física ou pelo terror psicológico, todos foram atingidos. É desse período que tratam os filmes aqui sugeridos. Seja por meio de uma história aparentemente mais leve de Cao Hamburger, ou mais sombria de Paula Markovitch, o período das lembranças da infância de ambos os diretores situam as narrativas naqueles anos. Na persistência das marcas afetivas que permaneceram na memória e foram representadas nos filmes, pode estar um dos pontos de reflexão do quanto a ficção, literária ou cinematográfica, pode revelar as marcas de uma história que não mais existe, mas que foi. Nessa perspectiva, vale um estudo sobre os filmes: *El premio* e *O ano em que meus pais saíram de férias*.

O filme *El premio* ocorre durante o período conhecido como *El Proceso* (1976-1983). Iniciado em 1976, autodenominava-se de Proceso de Reorganización Nacional e visava não apenas à luta contra as organizações e ações guerrilheiras, mas desenvolveu um projeto planejado de destruir todas as formas de participação popular. *O ano em que meus pais saíram de férias* ocorre durante o governo do General Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), também um dos períodos mais violentos de nossa história, conhecido como *os anos de chumbo*, quando o governo investe contra os movimentos guerrilheiros e contra todos os que defendiam a liberdade de expressão. Histórias e narrativas paralelas que se aproximam em muitos aspectos. Cecília e Mauro são duas crianças que não entendem por que tiveram de sair de suas casas e cidades, por que estão separados dos pais e por que são obrigados a mentir sobre suas famílias. Os pais de Mauro saem às pressas de Belo Horizonte e vão para São Paulo, mais precisamente para o bairro do Bom Retiro. Cecília e a mãe saem de Buenos Aires e vão para uma praia isolada da Argentina. Diferentemente de Mauro, não sabemos onde elas estão. Não há nenhuma indicação no filme, nenhum letreiro dizendo que lugar é aquele, apenas a paisagem cinza e o vento. Um filme todo sem um dia de sol, apenas o vento, a chuva e a solidão. Solidão e sensação de abandono que tanto Mauro como Ceci sentiram quando foram afastados da família. Histórias que se aproximam historicamente, mas se diferenciam porque tanto a narrativa ficcional como as memórias da infância são particulares e únicas.

*El premio* é, para a autora, assumidamente um filme autobiográfico que nasceu das lembranças de sua infância,



Divulgação.

naquela época e em um lugar que, além de uma casa perdida na imensidão da areia e do mar, havia uma escola que Cecília passou a frequentar, desde que não revelasse a história de sua família. E foi exatamente na escola, nas relações cotidianas com colegas, com as tarefas, com a professora e, depois, com a presença dos homens do exército servindo chocolate quente para as crianças e anunciando o concurso de redação sobre a pátria, que Cecília conheceu a realidade dos pais. Não no primeiro momento, quando a escola ainda era o lugar em que mentia sobre si mesma, brincava com os colegas e ria como qualquer criança de sete anos, ou quando voltava para casa conversando e brincando com uma amiga. A ficção começa a revelar a realidade quando Ceci ajuda um colega e a classe toda é interrogada pela professora sobre o fato. Interrogados e castigados até que alguém delatasse o autor da ajuda. Em silêncio, foram obrigados a caminhar no pátio da escola sob a chuva até que apontassem o responsável. Sequência em que Markovitch nos dá uma pequena demonstração das torturas e dos castigos físico e moral que a ditadura impunha às pessoas. Cecília foi entregue pela melhor amiga. Mas não desistiu da escola nem do concurso que os homens do exército anunciaram. Redação e desenho sobre a Pátria. Redação que na versão original Ceci denunciava o governo de ter assassinado sua família. Apavorada, a mãe leva Ceci até a casa da professora para recuperar a redação e o desenho. Ceci refaz a redação. Ironia da história, Ceci vence o concurso e recebe o prêmio das mãos daqueles que tinham matado seus parentes. Antes de receber o prêmio, conta para a amiga que sua mãe recebera a notícia de que seu pai estava morto. Cecília, que queria o reconhecimento da classe e ser aplaudida, é tomada pelo terror quando se vê diante dos homens de farda. A partir desse instante, a menina compreende a dor da mãe e, nós, o sentido daquele choro, quando Cecília entrega o prêmio a sua mãe.

*O ano em que meus pais saíram de férias* é considerado um filme pessoal, quase autobiográfico do diretor, se assim podemos dizer. De acordo com Cao Hamburger, a ideia nasceu quando ele estava em Londres e percebeu que “como muitas vezes olhar para o outro é uma forma de olhar para nós mesmos, o olhar de estrangeiro teve um sentido inverso e acabei me voltando para minha própria origem, minha infância e minha cultura” (2008). Em seguida teve contato com o livro *Minha vida de goleiro*, de Luiz Schwartz. Inspirou-se e deu início ao roteiro. Era só o começo. Juntou peças da história, da literatura e de suas origens, e com outros roteiristas criou um dos mais originais e bem-sucedidos filmes políticos do cinema brasileiro contemporâneo. De suas origens trouxe o fato de ser meio judeu e meu cristão e viver na Barra Funda, um bairro que sempre teve como uma de suas características o comércio e a mistura étnica: judeus, gregos, italianos e mais tarde coreanos; da literatura trouxe a memória de ter sido goleiro quando criança e da história trouxe os anos de 1970, ano da Copa do Mundo e da ditadura militar. Não demoramos muito para perceber que a leveza com que conduz a história de Mauro é aparente. A tensão e os efeitos da ditadura vão sendo sutilmente reveladas na trama e no drama de um menino deixado na casa do avô, que nem chegou a ver porque tinha morrido. Sozinho no apartamento do avô, Mauro passou a viver as incertezas tanto da espera dos

gols do Brasil na Copa como a espera da volta de seus pais. O pai, quando se despediu de Mauro, prometeu que voltaria das férias e assistiria aos jogos da seleção com ele. O Brasil ganha a Copa, o pai de Mauro não volta e o país finge ser feliz.

E uma vez mais os filmes se aproximam, tanto na ficção como na história. Nos filmes, as crianças sonham com vitórias e prêmios. Cecília queria ser aplaudida e receber o prêmio pela melhor redação; Mauro sonhava com a vitória do Brasil na Copa do Mundo. Os dois sonhos melancolicamente se realizaram. No entanto, aquele que seria o dia mais feliz de sua vida: ver o Brasil ser tricampeão ao lado do pai, acabou se tornando no mais triste de todos. Tristeza que acompanhamos com a imagem de Mauro andando

sozinho pelas ruas após a vitória e o tricampeonato conquistado. E se Ceci e Mauro não foram vítimas dos sequestros reais e físicos que faziam parte dos métodos e das rotinas das ditaduras, sofreram o sequestro da infância ao lado de tudo que lhes era familiar e que fora desmantelado pela ditadura.

Os dois filmes primam pelas metáforas e por meio delas nos mostram que nem sempre é necessária a imagem crua e direta dos acontecimentos para nos colocar ante a violência que tomou de assalto a história dos países da América do Sul nos anos de 1970. Nenhum dos diretores precisou mostrar os métodos sistemáticos de torturas, assassinatos e desaparecimentos utilizados pelos regimes, como sequestros de crianças, desaparecimento de pessoas, para que suas identidades fossem apagadas e os governos não pudessem ser responsabilizados; fuzilamentos em massa e os corpos jogados em valas comuns; as requintadas torturas importadas da França, mais especificamente dos que atuaram na Guerra da Argélia, por exemplo; nem os campos de concentração (34 na Argentina), ou, ainda, pessoas vivas sendo atiradas de aviões nos rios e mares. Essas imagens reais não foram necessárias para que tivéssemos a noção do que foi esse período da história dos países e na vida das vítimas do terrorismo de Estado do Sul da América Latina. E por mais que saibamos que o campo da memória é um campo conflituoso, também é necessário sabermos que, quando acabaram as ditaduras da América do Sul, “lembrar foi uma atividade de restauração dos laços sociais e comunitários perdidos no exílio ou destruídos pela violência de Estado” (SARLO, 2007, p. 45). Lembrar para não esquecer e entender por que a memória é uma das formas de não permitir que o esquecimento se instaure definitivamente ou faça parecer que aqueles acontecimentos nunca existiram.



Divulgação.

Como o poema “Le Dormeur du val”, de Arthur Rimbaud, em que o poeta descreve a imagem de um rapaz que parece dormir, belo e calmo, deitado na relva, junto a um riacho. Naquela bucólica paisagem, os buracos abertos na nuca branca do jovem soldado são as únicas marcas da morte e da guerra franco-prussiana que em nenhum momento foi anunciada. A guerra não está presente no poema, mas sabemos que ela está ali. É nessa perspectiva que os filmes de Markovitch e Hamburger merecem um olhar atento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (ORDEM DE CITAÇÃO)

1. SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias**: intelectuais, arte e meios de comunicação. São Paulo: Edusp, 2005.
2. RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas SP: Editora da Unicamp, 2007.
3. SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Cia. das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

## Filmografia

Título: *El premio*

Direção: Paula Markovitch

Gênero: Drama

Diretor de fotografia: Wojciech Staron

Direção de arte: Oscar Tello

Música: Sérgio Gurrola

Montagem: Lorena Mariconi

Produção: Izabel Moreno, Pablo Boneu, Paula Markovitch

Países: México, Polônia, Alemanha e França.

Duração: 99 min

Ano: 2011

Título: *O ano em que meus pais saíram de férias*

Diretor: Cao Hamburger

Gênero: Drama

Fotografia: Adriano Goldman

Roteiro: Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert, Cao Hamburger

Trilha Sonora: Beto Villares

País: Brasil

Duração: 106 min

Ano: 2006

Cor: Colorido